

atlas
de **RELACÕES**
INTERNACIONAIS

N.º 20

ANTÁRTICA: A SEXTA PARTE DO MUNDO

THERÉZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspectos Geográficos. 2 — Aspectos Geoeconômicos. 3 — Hipótese de Prolongamento dos Andes e Arquipelagos Austrais. 4 — Da Ciência às Descobertas 5 — Os “Herdeiros” da Antártica. 6 — Brasil, Defrontação e Tratado de 1959

MAURÍCIA: MONARQUIA INDEPENDENTE NO ÍNDICO

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Oceano Índico. 2 — As Mascarenhas. 3 — Populações
4 — As Condições Econômicas. 5 — Evolução Histórica.

Antártica: a sexta parte do mundo

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do IBG

1 — Aspectos Geográficos

O termo *Antártica* significa *oposto ao Ártico** (anti-árkticos). A palavra Ártico tem na sua origem grega — Ártico — tradução para urso; isto porque na direção do pólo norte era avistada a Constelação da Pequena Ursa, utilizada pelos navegadores antigos em sua orientação.

De 1945 a 1960, cerca de 528 mapas da Antártica foram publicados, onde se notam opiniões ligeiramente divergentes sobre a *superfície* desse continente. Prende-se tal fato às dificuldades na determinação de pontos nas regiões polares, onde o sol mais baixo e a refração da atmosfera muito forte levam as medições a erros; em nossos dias, as diferenças referentes às latitudes são ainda de cerca de 5 km. Já as longitudes, medidas ligadas às horas, são hoje bem mais precisas graças ao rádio. Assim, segundo Bruce, o continente tem 14.200 000 km²; por sua vez, Kossina o avalia em 14 165.000 km².

Considerado como a *sexta parte do mundo*, o continente antártico tem mais recentemente sua extensão avaliada, segundo Giovinetto, Thiel e Souietova (1966), em 14 000 000 km²; apresenta-se, portanto, com o dobro da área da Austrália, a metade do continente africano, maior que o europeu, mas menor que a América do Sul

O *maior diâmetro do continente* é de cerca de 5 500 km, tomado da península Antártica (56 graus oeste) ao meridiano de 124 graus leste, na Terra de

Wilkes, corresponde, portanto, ao dobro da distância entre as nossas cidades de Salvador e São Luís

Levando-se em conta a sua altitude média de 2 000 metros, semelhante a da Groenlândia, a Antártica constitui-se no *mais elevado dos continentes*, se o compararmos com os 970 metros da Ásia. O pico culminante fica no planalto de Ellsworth; trata-se do *monte Vinson* como 5.140 metros de altitude, escalado pela primeira vez em 21 de dezembro de 1968

Cerca de 98% da superfície total do continente é coberta por uma cúpula de gelo denominada *inlandsis*. O *inlandsis* antártico atinge sua maior espessura, que é 4.270 metros, em região que fica a 100 km da estação russa denominada Pólo Inacessível

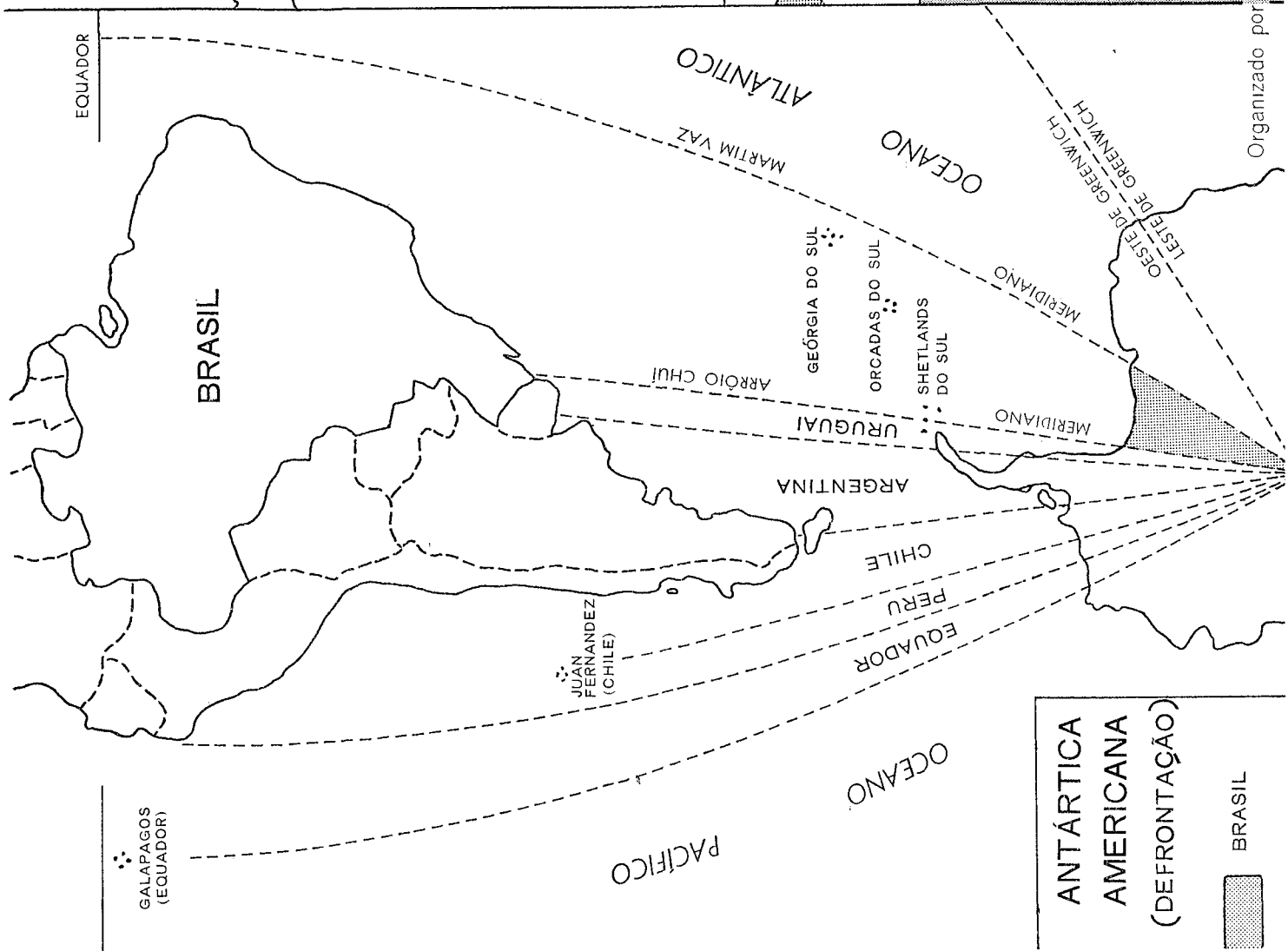
Minuciosos estudos vêm sendo feitos sobre a história geológica do continente através de amostras obtidas até 2 400 metros de profundidade. Levando-se em conta os fragmentos de rochas encontrados nos altos cumes que emergem no *inlandsis*, já pode afirmar que *o gelo na Antártica atingiu em épocas passadas altitudes bem mais elevadas que as atuais*. No entanto, a Antártica reúne ainda 80% do *gelo mundial*, atingindo a cifra de 27 milhões de km³, enquanto seu embasamento rochoso é calculado em apenas 435 metros.

A profundidade desse embasamento rochoso era medido pelas sondas de eco, inspiradas no aparelho inventado pelo Príncipe Alberto de Mônaco para o relêvo submarino. Provocadas pequenas explosões na superfície, o som penetrava até o embasamento rochoso, retornando daí para ser registrado em aparelho próprio. A partir de 1968 um processo mais moderno vem sendo utilizado através de aviões munidos cada qual com dois aparelhos de radar; o radar comum indica a altura até a superfície, enquanto o radar especial faz com que suas ondas atravessem o *inlandsis* determinando a distância até o suporte rochoso

O *Erebus* (4 033 metros) é o representante principal do *vulcanismo no continente*, além de se constituir num excelente ponto de referência para os exploradores, graças ao vapor constante que deixa escapar. Foi escalado pela primeira vez, em 1908, por membros da expedição de Shackleton

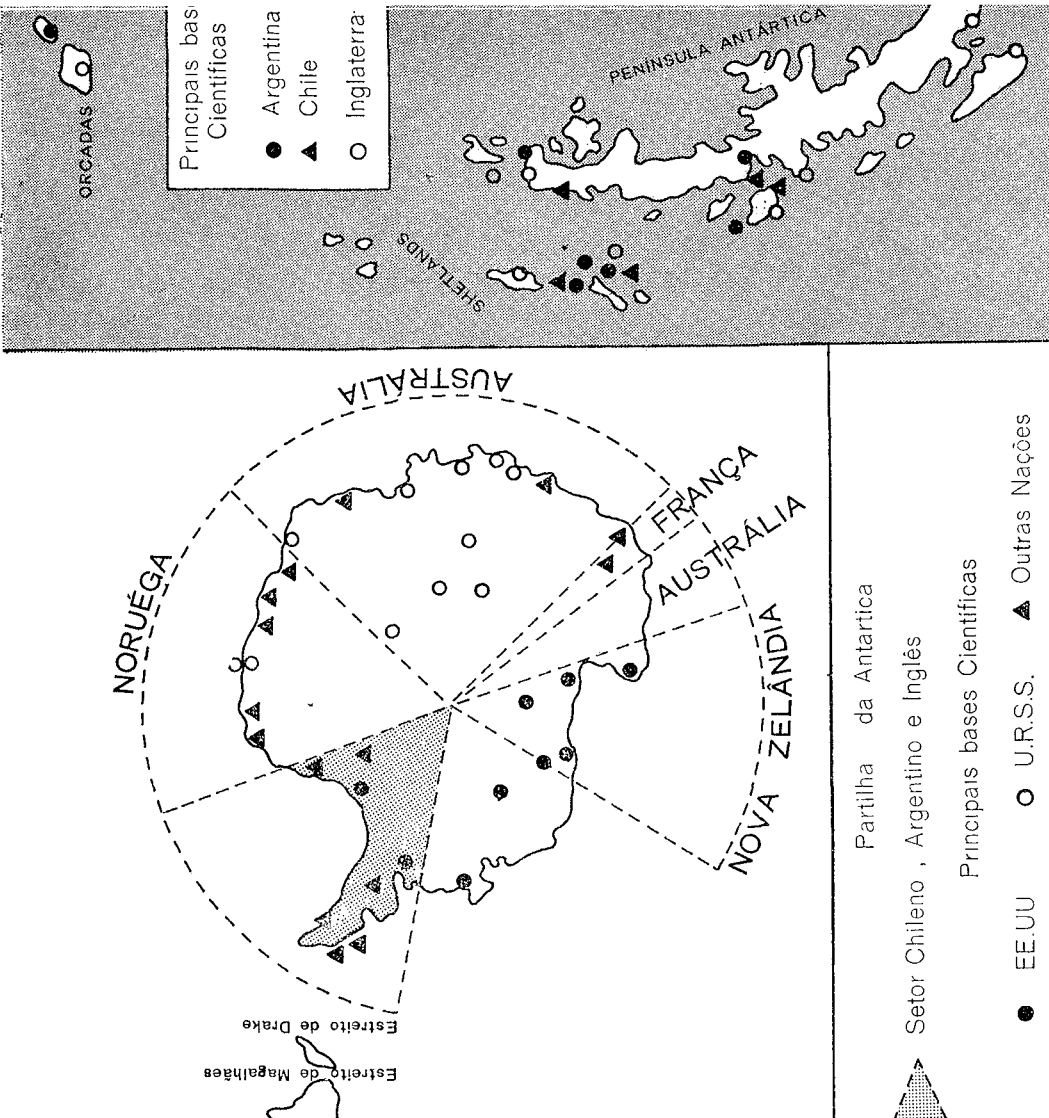
Na Antártica, de um modo geral, apenas os picos e altas falésias estão livres dos gelos durante o curto verão da região. No entanto, segundo informes do Contra Almirante Lepotier, foi descoberta por um avião de operação "High-Jump" (1947), "uma superfície livre de gelo de mais ou menos 8 000

* O Ártico foi estudado parceladamente, pela autora, através de artigos publicados pelos *Atlas de Relações Internacionais* n.ºs 8, 13, 14, 15 e 17



ANTÁRTICA AMERICANA (DEFRONTAÇÃO)

BRASIL



Principais bases Científicas

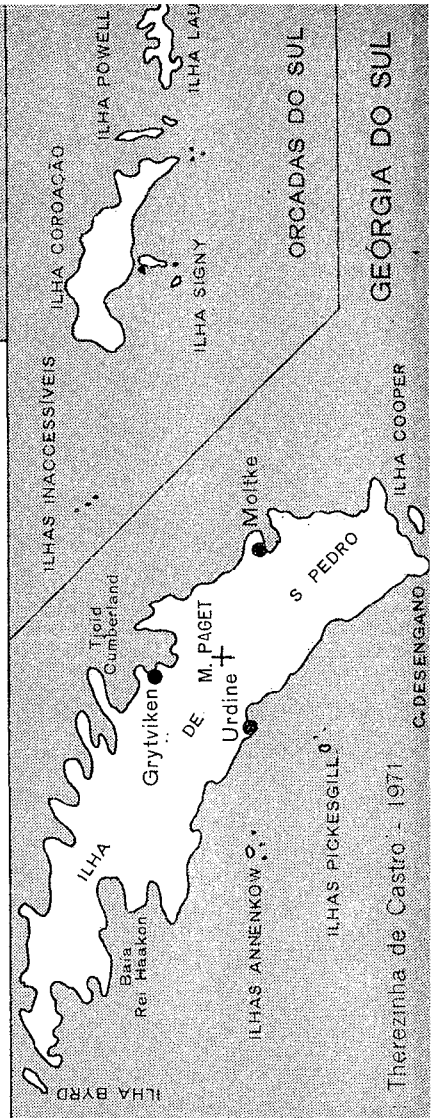
- Argentina
- ▲ Chile
- Inglaterra

Partilha da Antártica

Setor Chileno, Argentino e Inglês

Principais bases Científicas

- E.E.U.U.
- U.R.S.S.
- ▲ Outras Nações



Organizado por Theresinha de Castro - 1971

km², a algumas milhas da costa da Terra da Rainha Mary. Esta superfície contém três vastos lagos — e uma vineta de outros menores — de água livre, colorida de azul e verde pelas algas. Um outro “oasis” foi percebido mais a oeste. Tais fenômenos não se podem explicar senão pela existência de fontes quentes, análogas às existentes na Islândia”.

Segundo André Cailleux, as origens dos lagos antárticos são muito variadas, havendo também os de barragem glaciária e depressão tectônica. Os lagos são pequenos, numerosos, e bastante originais. O maior deles é o *Vanda* (162 graus leste) com 7,2 km de comprimento por 2,1 km de largura, apresentando-se com cerca de 70 metros de profundidade. A superfície deste lago é coberta por uma camada de 4 metros de gelo em cristais verticais de 5 cm de largura; apresenta-se em seguida com uma camada de água doce com temperatura de zero graus. A partir daí a água vai se tornando salgada e mais aquecida até que, aos 70 metros, a temperatura é de 26 graus acima de zero, predominando ions de cloro e cálcio. A água salgada não se mistura com a doce e está mais ao fundo por ser mais pesada, já que sua densidade é de 1,2.

O mais profundo lago já descoberto no continente é o *Figurnoié* (101 graus leste), com mais de 120 metros; os mais elevados são o *Obersee* (5 graus oeste) a 820 metros de altitude, descoberto numa fotografia aérea tirada por Ritscher em 1942 e um pequeno lago (13 graus leste) a 895 metros, ainda não explorado devidamente pelos cientistas.

Na Antártica o clima é frio, ventoso e muito pobre em precipitações.

Por se constituir num continente onde a ação benéfica do mar não se pode fazer sentir em tôdas as áreas com igual intensidade, a Antártica é de 10 a 17 graus mais fria que a região Ártica, caracterizada esta por um grupo de ilhas.

Através de estudos da temperatura do ar feitos na Antártica por Rubinstein e Sokhrina (1964), as estações localizadas em regiões onde o inlandsis é mais elevado apresentam climas mais rigorosos. O quadro a seguir nos indica essa situação, comparando estações localizadas em inlandsis, na plataforma, sobre a rocha continental, na península Antártica e arquipélagos; podemos notar, então, que as temperaturas vão através destas áreas sucessivas tornando-se mais amenas.

	Estações	Janeiro	Mínima	Anual
Inlandsis	Vostok (3 500m)	32,9	69,8	55,5
	Pólo Sul (2 912 m.)	28,7	59,9	49,3
	Byrd (1 530 m)	15,0	37,0	28,5
Plataforma	Little America	6,8	36,7	23,8
	Ellsworth	7,6	33,3	22,5
Rocha	McMurdo	4,8	26,5	17,6
	Mirnyi	2,1	17,4	11,3
	Mawson	0,5	18,6	11,1
Península e Arquipélago	Hope Bay	0,5	12,5	6,1
	Orcadas	+0,2	10,6	4,4

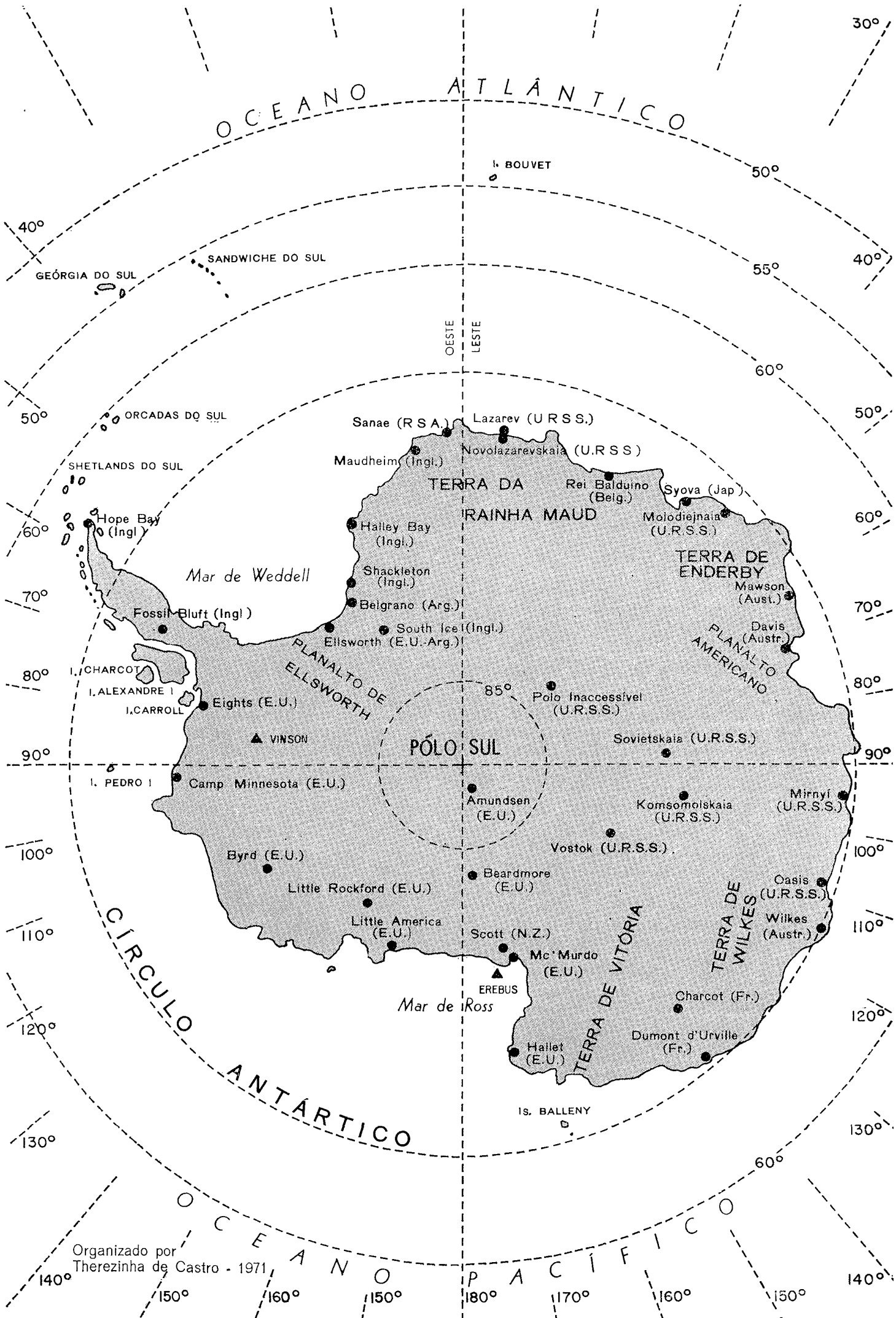
A amplitude anual, ou seja, a diferença entre as médias dos meses mais quentes e mais frios é de 10 a 12 graus no arquipélago das Orcadas do Sul; já em Vostok, em pleno inlandsis, é de 37 graus.

A variação diurna é pequena, de 1 a 2 graus, pois o sol quase nada se modifica em altura, no curso de sua jornada. Graças a esse fato, as regiões livres de gelo apresentam, por absorverem melhor os raios solares, temperaturas bem mais elevadas que as do ar. Nestas condições, em Mc Murdo, estação localizada sobre a rocha, já foi registrada a temperatura de 4 graus acima de zero, em Hallet + 5,6 graus e, na península Antártica, até 12 graus acima de zero.

Muito densa, a atmosfera glacial na Antártica permite o deslocamento do ar do mar 20% mais leve. Graças a esse fenômeno, os ventos são bem mais terríveis de serem suportados que o frio propriamente dito. Constitui-se, por isso, a Antártica na região mais ventosa do Globo; o recorde foi registrado no Cabo Denison (142 graus leste) com 320 km/hora.

A poeira de neve ou “blizzard” levantada por esses ventos é tão opaca e densa que impede a visão de qualquer um a uma distância de apenas 2 metros. Os “blizzards” formam na superfície os “sastrugi”, ou seja, verdadeiras dunas com cristas paralelas.

Tais tempestades desaparecem, devolvendo à paisagem sua brancura e limpidez, quando o ar pesado se afasta, sendo substituído pela contra-corrente tropical quente, que desce da estratos-



Organizado por
Therezinha de Castro - 1971

fera; êste fenômeno é denominado de "inversão polar".

A umidade atmosférica é praticamente nula, graças ao frio local. Bate também o recorde mundial com os seus 0,003 mb, sendo de 10.000 vêzes menor que a do equador. A península Antártica, de latitude mais baixa e exposta aos ventos do oeste, já apresenta umidade atmosférica maior; aí a precipitação, em forma de neve, apresenta-se anualmente com 30 a 60 cm, equivalendo a 4 cm de chuvas. No interior, onde a nebulosidade é bem menor, neva quatro vêzes menos. Segundo cálculos feitos por Lister, em 1960, a acumulação de neve apresenta a média de 350 mm na península Antártica, contra 250 mm nas demais zonas litorâneas, para 170 mm nas plataformas de gelo flutuantes e apenas 70 mm nas áreas centrais do inlandsis.

As plataformas de gelo flutuantes, também conhecidas por barreiras, em número de 30 a 40, fortemente ligadas ao continente, porém prolongando-se mar a dentro, ocupam uma área de 1.500.000 km² (equivalendo a do maior Estado brasileiro — o Amazonas — 1.564.445 km²). Em volume e massa, a Antártica possui cerca de 89% desses gelos aderentes, vindo em seguida, na classificação mundial, a Groenlândia com apenas 9%, restando 1% para outros glaciares.

As plataformas de gelo flutuantes encontram-se nas duas arctiulações ou golfos opostos da Antártica, formados pelos mares de Ross e Weddell. A barreira do mar de Ross apresenta uma superfície de 540.000 km², sendo portanto pouco menor que o nosso Estado da Bahia (561.026 km²); a do mar de Weddell, 490.000 km² apresenta-se com área superior a do nosso Estado do Maranhão (328 663 km²). As demais barreiras, espalhadas pelo restante do continente, são bem menores que as já citadas, mas no seu conjunto têm superfície quase idêntica a encontrada no mar de Weddell (470.000 km²). Essas brarerias assumem, a certa distância, o aspecto de falésias brancas e regulares, com alturas variando dos 20 aos 50 metros.

O regêlo sazonal do mar dá origem à banquisa, formação bem mais compacta, que assume amplitudes maiores no leste da península Antártica.

No mar de Weddell o regêlo tem início em fevereiro, enquanto que no mar de Ross ocorre em março e até mesmo em abril. Em pleno inverno, a Antártica fica rodeada por compacta banquisa, crosta transitória de gelo, cuja espessura varia dos 2 aos 10 metros. Êsse cinturão de gelo apresenta-se, via de regra, com a largura de 1.000

km; na área do estreito de Drake tem somente 150 km, apresentando melhores condições de navegabilidade neste período.

Em função dos ventos e correntes marítimas locais, a banquisa movimenta-se de leste para oeste. A exceção está no mar de Weddell, onde se estabelece um circuito fechado no sentido dos ponteiros de um relógio; nesta região a banquisa assume amplitude maior, formando um quase impenetrável campo de gelo.

Chegando o verão (outubro), a banquisa afasta-se do continente permitindo, em tórno do litoral, a circulação numa faixa livre de gelo. Atingindo-se o final do verão (dezembro) a extensão relativa das banquisas é de 50 a 33% em função daquelas que se formaram no inverno, sendo sua espessura também menor.

Dessas barreiras, principalmente nos mares de Weddell e Ross, desgarram-se enormes blocos de gelo denominados icebergs. São blocos tabulares, verdadeiras montanhas de gelo; fora d'água apresentam em média 60 metros de altura mas dentro d'água atingem cerca de 400 metros. São numerosos os icebergs que medem 1 km de diâmetro, sendo também comuns os de 40 km, mas já bastante raros os gigantescos de 150 km. Giram em tórno do continente e os mais antigos adquirem uma cor azul de beleza incomparável. Os mais volumosos, levando muito tempo para se fundirem, afastam-se mais do continente antártico; o recorde de afastamento foi registrado a 30 de abril de 1894, quando um iceberg foi visto no Atlântico na latitude de 26 graus e 30 minutos.

Para alguns estudiosos o mar Glacial Antártico constitui-se, na realidade, em área mais fria das regiões extremas meridionais dos três grandes oceanos — Atlântico, Pacífico e Índico que não rompem a sua solução de continuidade. Nestas condições, não havendo nenhuma barreira de contenção, essas águas frias polares encontram-se com as águas tropicais quentes e leves dos três oceanos, mergulhando sobre elas. A zona de tal encontro recebe a denominação de convergência antártica, fluando entre os paralelos de 50 e 60 graus de latitude sul.

O viajante que vem do norte em direção a Antártica, ao atravessar essa linha de convergência, passa repentinamente da franca claridade tropical para a zona de brumas e nuvens cinzentas da região polar. Atinge, portanto, área bem perigosa para a navegação, passando a enfrentar tempestades, icebergs e banquisas.

Ainda a inexistência de barreiras separando o mar Antártico dos três oceanos permitirá, por outro lado, que 800 milhões de m³ de água polar se lancem nas tropicais, transportando o oxigênio vivificador tão necessário a fauna marinha até a região do equador.

As correntes marinhas que na região do Antártico seguem a direção oeste, batendo na península Antártica, desviam-se para o norte. Assim, a *corrente fria das Falklands*, portadora do plâncton animal vai encontrar-se com a *corrente quente Brasileira*, rica em plâncton vegetal.

2 — Aspectos Geoeconômicos

O encontro das duas correntes torna bem piscosa essa área meridional da América do Sul que é, na realidade, o continente mais próximo da Antártica.

Na faixa costeira da região polar austral são caçados o *elefante marinho* e a *foca*. As focas foram quase que dizimadas no século XIX, graças ao seu óleo utilizado como combustível, a maior utilização do petróleo salvaria, no entanto, a espécie. Hoje, a carne da foca é consumida pelos cientistas que trabalham na Antártica, por ter propriedades que evitam o escorbuto.

Esta zona costeira é também o *habitat* dos *pinguins*, excelentes nadadores que atingem muitas vezes 1 metro de altura, pesando 45 quilos

A pobreza vegetal da região, cuja flora é caracterizada por *musgos* e *líquens*, determina a *pouca variedade de animais terrestres*. Não vivem na Antártica os animais de peles raras encontrados no Ártico; são encontrados no continente austral apenas pássaros, pouco numerosos em espécie, vivendo na realidade em função do mar. Entre as espécies destacam-se o *petrel de Wilson* e o *skua*, alimentando-se com restos de animais marinhos, algas, ovos de pinguins, etc. A maioria desses pássaros polares, ao fim do verão, migram para regiões de baixas latitudes; o *petrel*, por exemplo, chega ao mar Vermelho, Índia, Japão, Peru e Terra Nova.

Em mar mais alto, o *cachalote* e a *baleia* são os animais mais procurados nas pescas realizadas no Antártico.

O cachalote é, como a baleia, um cetáceo, com a cabeça representando 1/3 do corpo que, quando adulto, chega a atingir 19 metros de comprimento. Seu alimento preferido é a lula gigante, embora seja também devorador de tubarões. Sua importância econômica está na cabeça e intestinos, donde se ex-

traem *matérias com larga aplicação na indústria da perfumaria*. Da cabeça do cachalote retira-se o espermacete, também conhecido como "branco de baleia", substância formada pelo acúmulo de matéria gordurosa, útil na confecção de perfumes; dos intestinos, aproveitam-se as concreções mucosas de "ambar gris", provocadas pelos ferões das lulas que o cachalote devora, ricas em ácido benzóico, importante na fixação do perfume. A grande procura do "ambar gris" faz com que a cotação desta matéria seja de 1 dólar por grama.

A baleia azul, espécie encontrada em maior quantidade nos mares antárticos, é o maior animal que ainda vive sobre a face da Terra. A semelhança dos grandes dinossauros, mede 30 metros, pesando 125 toneladas, o equivalente ao peso de 2.000 pessoas; seus ossos pesam 22 toneladas, sua banha 26 toneladas; circula em seu corpo 2.000 litros de sangue. Sua carne é tão abundante que dá para alimentar 280 000 pessoas.

Embora tudo na baleia seja aproveitado, esse animal é caçado preferentemente para a *extração do óleo utilizado na fabricação de gorduras comestíveis, alimento para o gado, sabões, detergentes, fertilizantes, produtos auxiliares na indústria de fiação e curtumes*.

A pesca da baleia nos mares do sul é relativamente recente, razão pela qual dá, atualmente, maiores rendimentos, pois a espécie não foi tão perseguida e exterminada como no Ártico. A produção anual de óleo de baleia atinge a cifra de 300 000 toneladas, das quais 80% provêm da Antártica e os 20% restantes do Ártico.

Antes da I Guerra Mundial operavam na região antártica 200 barcos baleeiros, 50 flutuantes para armazenamento de óleo e 30 navios de transporte. O *maior centro pesqueiro da baleia* era e é ainda, a *Geórgia do Sul*, onde, em 1904, instalava-se o primeiro porto de baleação em *Grytviken*. Só no período de 1923-24 obtiveram os pescadores, em grande maioria dinamarqueses, 20.000 barris de óleo de baleia; atraída por essa riqueza, a Inglaterra começou a se apropriar da maioria das ilhas antárticas e os japoneses, hoje principais competidores dos dinamarqueses e noruegueses, passaram a desviar seus baleeiros rumo aos mares austrais.

Até bem pouco tempo a pesca da baleia era realizada com o arpão e botes a remo. Os baleeiros ficavam então de 2 a 3 anos no mar; corriam grandes perigos, pois tinham que combater durante horas seguidas contra o animal ferido e enfurecido, até abatê-lo definitivamente; muitas vezes a baleia fe-

rida costumava destruir o bote que dela se aproximava, com a pancada de sua gigantesca cauda horizontal, diferentes da dos demais peixes, que é vertical. Abatido o animal, os pescadores costumavam perder muito da sua gordura, que é extraída na camada subcutânea de até 50 cm de espessura; isto graças ao ataque que lhes moviam outros animais, entre os quais os terríveis cachalotes, interessados nos despojos para se alimentarem

A moderna indústria baleeira começou a se organizar em 1868, quando o norueguês Sven Toyn inventou o *canhão lança-arpão*. Hoje as frotas baleeiras contam com várias unidades constituídas por navios baleeiros, um navio-fábrica, um navio-frigorífico e um petroleiro.

Os navios-baleeiros, com cerca de 45 metros de comprimento, carregam na proa, montado sobre dispositivo giratório, um canhão lança-arpão. O arpão, com 100 quilos de peso e 2 metros de comprimento, carrega na ponta uma granada, que explode três segundos após atingir a baleia; segue-lhe o arpão para injetar ar comprimido no estômago, a fim de evitar que o animal afunde. Içado para bordo do navio fábrica, é no centro desta embarcação, de área inteiramente livre, que as serras mecânicas vão processar o corte, de acordo com o destino que terão suas diferentes partes.

A baleia azul anda em grupo de 300 espécies, mas bastam 10 animais para manter um navio-fábrica em atividade permanente durante 24 horas. Isto porque, na proa e pôpa do navio-fábrica, estão instaladas numerosas máquinas, agrupadas por diversos compartimentos, com capacidade para a industrialização completa do pescado.

Cabe ao navio petroleiro descarregar seu combustível no navio-fábrica e, abastecendo-se do óleo da baleia, retornar a base. No navio-frigorífico é armazenada a carne que será consumida, pois, de parte dela, bem como dos ossos, costuma-se também extrair o óleo.

Antecedem a operação da pesca da baleia hidroaviões ou mais comumente helicópteros munidos de radares, para localizar o cardume; isto porque as baleias conseguem captar com facilidade os ruídos transmitidos pela água.

A baleia é um animal que se reproduz muito lentamente; cada fêmea tem de seis a sete baleatos. Seu período de gestação é de 10 a 11 meses, quando dão a luz a apenas um filhote e raramente a dois. Sua reprodução se efetua, em geral, no outono, quando migram

para águas subtropicais só retornando na primavera para as águas polares.

Tendo em vista a grande mortalidade que se vinha realizando entre as baleias, não sendo respeitado nem o período da reprodução, surgiria em 1935 um *acordo internacional*. Este tem por finalidade proteger os exemplares jovens ou fêmeas acompanhadas de sua prole nova ou baleato. Nas zonas tropicais, onde nascem as crias, estabeleceu-se o "*santuário antártico*", no qual a pesca é proibida. Na região antártica a pesca é liberada no período que vai de 15 de dezembro a 1.º de abril.

Ainda sob o ponto de vista econômico são atribuídas outras qualidades ao "continente branco". São as *riquezas minerais* representadas pelo carvão, cobre, prata, ouro, petróleo e urânio. Segundo Walter Ostermann "até então o continente branco não desempenhou papel de relevância na vida econômica ou política da humanidade. Só a pesca da baleia era de alguma importância e, com relação a mesma, é que foram realizadas algumas descobertas. Foram constatados depósitos de ferro e carvão, alguns dos quais constituindo jazidas extraordinariamente ricas e facilmente explotáveis a céu aberto. Também pode-se admitir que os minérios que ocorrem nos Andes possam ser encontrados em seus prolongamentos na Antártica."

3 — Hipótese de Prolongamento dos Andes e Arquipélagos Austrais

Distando 4 000, 5.000 e 6.000 km respectivamente da Terra do Fogo, Tasmânia e Cabo da Boa Esperança, quase todo incluído dentro do Círculo Antártico, costuma-se dividir o sexto continente em três setores: o americano, o australiano e o africano.

Fazem parte da *Antártica Americana* uma série de ilhas e terras agrupadas ao redor do eixo da América do Sul. Como a Antártica Americana Continental é a região que mais se projeta para o norte, calcula-se que nada mais seja do que um *prolongamento da zona meridional da América do Sul*. A hipótese do prolongamento dos Andes desenha com as ilhas e arquipélagos um arco para oeste que penetra na Terra de Graham, também conhecida como península Antártica.

A hipótese de prolongamento dos Andes dá a essa região, tectônica e petrográficamente, como continuação da

cadeia Andina; a parte ocidental é bem alta e acidentada, a oriental mais regular, assemelhando-se ao relevo do planalto da Patagônia, com formações basálticas.

As ilhas que desenham para o oeste um arco alongado, nada mais são do que os seguintes arquipélagos montanhosos:

a) *A Ilha dos Estados*, a leste da Terra do Fogo, cuja superfície é avaliada em 541 km². Descoberta pelos navegadores holandeses Jacob Le Maire e Willem Cornelis Schouten, pertence politicamente à Argentina. Seu relevo montanhoso, prolongamento da cadeia fueguina, pouco excede os 500 metros de altura.

b) *O Arquipélago das Malvinas*,* cuja descoberta é motivo de controvérsias, foi assim denominada por navegadores franceses de San Malo (Maloinas). Instalados aí os franceses (1764) e depois os ingleses que as denominaram de Falklands, após complicadas negociações o arquipélago retornou para a soberania espanhola em 1774. Em 1833 iniciava-se um conflito entre a Argentina e a Inglaterra, quando este último país ocupava o arquipélago pela força. A Argentina era, desde 1810, a herdeira legítima da Espanha sobre esse arquipélago. Nestas condições, tem sempre protestado junto ao governo inglês; nas conferências pan-americanas sempre que se tocam em problemas de colônias européias na América do Sul, a delegação argentina procura ressaltar que as Malvinas não se constituem numa colônia estrangeira, mas sim um território da Argentina indevidamente ocupado pela Inglaterra. Analisando o problema, diz Ostermann que: "selos de 1 pêso com o setor argentino da Antártica nos quais figuram também as Malvinas, como território argentino, suscitaram uma reação considerável em Londres". Afirma também que, "quando um morador das Malvinas decide-se ir a Buenos Aires, os seus documentos ingleses são confiscados como ilegais, sendo substituídos por outros argentinos."

Esse arquipélago, surgido da plataforma submarina argentina, é formado por duas ilhas principais: Grande Malvina e Soledade, circundadas por várias outras menores; está situado a 565 km da entrada do estreito de Magalhães, tendo uma superfície conjunta calculada em 11.718 km². Predominam nessas ilhas planícies baixas, ligeiramente onduladas; as regiões mais

altas não chegam a ultrapassar os 700 metros.

c) *A Geórgia do Sul*, enquadrada também nos domínios ingleses, é povoada em grande parte por noruegueses que se dedicam a pesca da baleia. O arquipélago é formado pela ilha de S. Pedro e outras bem menores que a circundam. A ilha de S. Pedro se estende em forma de arco, de noroeste a sudeste, por cerca de 1.800 km (mais que a distância Rio-Brasília 1.263 km); o monte Paget, com 2.804 metros, é o pico culminante desta ilha, cujos limites de neves eternas estão entre 500 e 600 metros de altura. Sua superfície é calculada em 3.075 km² (pouco mais de 3 vezes maior que o nosso Estado da Guanabara — 1.356 km²) e Grytviken no Fjord de Cumberland, posto de baleação, é o principal centro populacional da ilha.

d) *O Arquipélago das Sandwiches do Sul*, a sudoeste da Geórgia, é constituído por inúmeras ilhotas vulcânicas, nas quais se manifestam fenômenos ígneos em forma de emissão de vapores; perfazem um total avaliado em 420 km². São cônicas, têm pouco mais de 100 metros de altura e se elevam numa fossa oceânica com 8.264 metros de profundidade. As mais importantes deste grupo são: Saunders, Sawadouski, Bristol e Thule do Sul. São também incluídas pela Inglaterra dentro de seus domínios, alegando terem as mesmas sido descobertas por Cook, durante sua segunda expedição (1772-75).

e) *O Arquipélago das Orcadas do Sul* abrange uma superfície de 1.230 km² (pouco menor que o nosso Estado da Guanabara). A maior ilha do grupo é a da Coroação, mas é em Laurie que funciona desde 1904 um observatório meteorológico equipado, desde 1948, de radiotelegrafia e que serve a única agência de Correios da Região Antártica, sob controle da Argentina. Alegando que o arquipélago foi descoberto em 1821 pelo inglês George Powell, a Inglaterra também inclui o grupo em seus domínios.

f) *O Arquipélago das Shetlands do Sul* fecha o arco por estar próximo da península Antártica, representando uma área vulcânica mais jovem, já que se notam fumarolas (emissão de gases) na ilha da Decepção, onde a Argentina mantém um destacamento naval, havendo também um posto de baleação. As maiores ilhas deste arquipélago são a Elefante e Clarence, cujo conjunto é avaliado em 2.300 km². Seu descobrimento é situado a 19 de fevereiro de 1819, por William Smith, navegador inglês que se dirigia a Valparaíso, no Chile.

* Vide *Atlas de Relações Internacionais* n.º 9.

4 — Da Ciência às Descobertas

Os ideais científicos com relação às regiões geladas polares surgiram, na Áustria-Hungria, no ano de 1880. Doze nações aderiram prontamente à idéia, com exceção da França, por razões diplomáticas. No entanto, cientistas franceses, protestando contra tal medida, levaram a Marinha de Guerra de seu país a prestar concurso nos estudos de quatro meses, realizados na Antártica durante o *Ano Polar de 1882-83*. Várias contribuições foram então trazidas à Ciência sobre esse mundo quase que desconhecido, sendo inventados inclusive aparelhos ainda hoje em uso.

Animados com as experiências iniciais, continuaram vários países a realização de pesquisas, mas só cinqüenta anos depois se reuniam novamente para o *Segundo Ano Polar* (1932-33); desta feita, já com a adesão de vinte e duas nações

O novo Ano Polar foi marcado em 1951 para realizar-se em 1957-58, já então com a denominação de *Ano Geofísico Internacional*. Para participarem deste conclave científico inscreveram-se logo trinta e nove nações entre as quais o *Brasil*, através de nossa Marinha de Guerra.

“Valerão os pólos estes trabalhos e sofrimentos?”, interrogava na época Roger Vorcel, em artigo intitulado “A l’assaut du pôle Sud”. A despeito dos derrotistas, surgidos nas vésperas do Ano Geofísico Internacional, o mesmo realizar-se-ia com sucesso e, nas pesquisas, só os Estados Unidos aplicaram 250 milhões de dólares.

A partir daí as pesquisas na Antártica se intensificaram. Em 1944 haviam na região 17 habitantes não permanentes; em 1956 eram eles 502, hoje vivem lá mais de 1.000 almas. Numerosas *estações científicas* foram instaladas pelos Estados Unidos, Rússia, Inglaterra, Argentina, Chile, Austrália, Nova Zelândia, Noruega, Bélgica, República Sul-Africana, Japão, etc. É maior a preferência pela *Antártica Ocidental*, onde estão 39 estações, das quais 21 de inverno; a *Antártica Oriental*, sendo mais alta, mais fria e menos hospitaleira, conta com 27 estações, das quais 14 são de inverno. A maioria destes postos científicos se encontram em *regiões que vão do nível do mar até 600 metros de altitude*, graças as temperaturas mais amenas, como também pela maior facilidade de acesso. Nota-se, por outro lado, a *preponderância das estações russas nas mais altas altitudes*, onde as condições são bastantes difíceis; estão neste caso Komsomolskaia, Vostok, Sovietskaia e Pólo Inacessível

a mais de 3.000 metros. Em regiões variando de 3.000 a 2.000 metros os franceses estabeleceram Charcot e os estadunidenses Amundsen; entre 2.000 e 1.000 metros os Estados Unidos mantêm Byrd e a Inglaterra South Ice.

Em grande parte da zona costeira, a temperatura de 10 graus subzero é perfeitamente suportável pelo homem. A grande dificuldade estava em enfrentar os vendavais de às vezes 320 km/hora; as construções de madeira no início, por serem de material fácil de trabalhar e, ao mesmo tempo bom isolante contra o frio, não resistiam aos incêndios graças a intensidade dos ventos. Nestas condições, a madeira foi substituída pelo aço e alumínio; a *técnica moderna dos pré-fabricados* conseguiu enfrentar o violento fenômeno polar.

Para o aquecimento interno, o carvão, por ser mais prático e econômico, passou a substituir o mazute. Com o avanço da técnica, na estação permanente de Mc Murdo passou-se a produzir *eletricidade através de alternadores*; a *central atômica* de 1 500 kw com duração prevista até 1982 (suprida de dois em dois anos de combustível) já *transforma por destilação, em água potável, a água do mar*.

Embora para pequenos percursos ainda sejam usados os *trenós puxados por cães*, nas distâncias mais longas já vão sendo substituídos por *modernos tratores-lagarta* que deslizam na neve, deslocando, cada um, dois trenós de aço. As *motoneves* já trafegam pela Antártica com velocidade de 40 km/hora. *Aviões com esquis-amoníveis* aterrisam em pistas especiais, tendo como ponto de referência alamedas de quenos abetos plantados pela mão do homem. A Austrália já emplacou o primeiro *volkswagem com a placa n.º 1 — Antártica*. Já é portanto *possível a vida na Antártica*.

Em contrapartida, com o avanço da tecnologia, o crescente interesse científico veio demonstrar que não há mais dúvida ser a Antártica um laboratório cobiçado para estudos meteorológicos, ionosféricos, cósmicos, magnéticos, etc. Se no futuro houver meios científicos de controle para os climas, é evidente que no pólo sul, onde se formam as massas de ar que se deslocam destas áreas de baixa pressão (ciclônicas), regulando o trajeto das depressões do hemisfério sul, a Antártica será de suma importância, sobretudo para nações que, como o Brasil, se situam na zona austral.

5 — Os “Herdeiros” da Antártica

O Direito Internacional não reconheceu, até o presente momento, nenhuma das *pretensões apresentadas pelas nações, na Antártica*. No entanto, elas vêm sendo apresentadas e, mais ainda, o continente vem sendo repartido “particularmente”. Isto faz com que, muitas vezes, um mesmo território na Antártica tenha sido anexado por decretos e cartas-patentes por dois e até três países ao mesmo tempo.

A *Inglaterra*, por exemplo, que se julga com direito a grande parte da Antártica, por Cartas-Patentes de 21 de junho de 1908 e 28 de março de 1917, anexou a seus domínios a Dependência das Falklands (Malvinas dos argentinos), abrangendo tôdas as terras e ilhas até o paralelo de 50 graus, nos setores compreendidos entre os meridianos de 20 e 50 graus — 58 e 80 graus de longitude oeste. Baseia-se nas explorações científicas lá realizadas por Scott e Shakleton. Contestando tais direitos, conclui Ostermann, “Amundsen e os japoneses que também exerceram ali suas atividades, foram com isso silenciosamente esquecidos”.

A 23 de julho de 1923 era fixado o *setor neozelandês* do mar de Ross, entre os meridianos de 150 graus oeste e 160 graus leste e paralelo de 60 graus. Seguiram-se a 7 de fevereiro de 1933 e 24 de agosto de 1936 as demarcações do *setor australiano* entre 160 graus e 45 graus leste. Aí estão, portanto, 2/3 da Antártica anexados à Coroa Britânica.

A *França*, por sua vez, em Decreto de 27 de março de 1924 e 1.º de abril de 1938 tornava possessão francesa a Terra de Adélia, entre os meridianos de 136 graus e 142 graus leste, que o Decreto de 3 de fevereiro de 1925 havia transformado em Parque Nacional. Baseia-se para tal no direito de descoberta de Dumont d’Urville (1839).

Os *Estados Unidos*, que também têm enviado inúmeros exploradores à região (Byrd, Ellsworth, etc.), fundaram a sua Little America ao lado do setor reivindicado pelo Chile. Disputam com os franceses e russos a honra da descoberta do continente.

A *Noruega*, cujos interesses se prenderam sempre à pesca da baleia, anexou a seus domínios o setor compreendido entre a Dependência das Falklands e o da Austrália, pelo Decreto de 14 de janeiro de 1939 (17 graus oeste e 45 graus leste).

A *Alemanha* criou aí, em 1939, (a 4 graus e 50 minutos e 16 graus e 30 minutos leste) o seu “Neu Schwabensland”, com fundamento nas explorações de Filchner (1912) e expedição de Ritscher (1938-39), que fez o maior levantamento cartográfico jamais empreendido em área contínua da Antártica.

A *Rússia, Suécia e Japão*, que também participaram de expedições científicas, embora não tenham ainda delimitado seus territórios, não escondem suas pretensões. Os Estados Unidos, no mesmo caso, declararam, no entanto, que a Operação High-Jump (1946) tinha entre outros objetivos o de apresentar “base para reivindicações eventuais”.

O *Chile e Argentina*, cujos setores se embaralham juntamente com o da Inglaterra, fizeram suas anexações, não reconhecendo ambos as pretensões inglesas. Chegaram mesmo os dois países a estudarem, em 1906, a partilha da Antártica Sul-Americana.

O Chile, além de sua proximidade com a região, firma ainda seus direitos na hipótese de prolongamento dos Andes. Baseia-se, por outro lado, na Declaração de O’Higgins de que o território chileno se estendia até as ilhas Shetlands do Sul. Assim sendo, por Decreto de 6 de novembro de 1940, transformava em Antártica Chilena tôdas as terras e ilhas situadas entre os meridianos de 53 graus e 90 graus oeste.

A Argentina fundamenta seus direitos em razões de ordem jurídica, geográfica e histórica. No aspecto jurídico trazem à baila o Tratado de Tordesilhas que dividia o mundo entre portugueses e espanhóis, por meio de um meridiano que ia de pólo a pólo. Defende ainda suas pretensões com base no *uti possidetis*, ou seja, direito por ocupação dessas terras, mantendo povoação estável em seus destacamentos e bases na Antártica, além de possuir, desde 1904, uma estação meteorológica na ilha Laurie (Orcadas do Sul). Sob o ponto de vista geográfico, seu argumento é o mesmo do Chile, ou seja, o da continuidade dos Andes, revelada por estudos geológicos. Quanto às razões históricas, estriba-se no fato da presença dos argentinos e espanhóis na região desde os primeiros anos do descobrimento, quando o Papa Clemente VIII interferiu junto ao rei da Espanha em favor do navegador português Fernando de Queiróz, tendo o mesmo recebido a incumbência de tomar posse dessas terras em nome do monarca, bem como o de converter seus habitantes (?) à religião católica.

Assim, por Decreto de 13 de julho de 1939, era criada a Antártica Argentina entre 25 graus e 74 graus oeste. No ano de 1947 a Argentina reforçava o Decreto de 1939 fixando os limites não só das terras como também dos mares antárticos. Estes passavam à sua soberania “aplicando o princípio dos setores, teoria propiciada pelo Canadá na região Ártica e aceita por numerosos países” (Alfonso Arnolds).

6 — Brasil, Defrontação e Tratado de 1959

Os *direitos de descoberta* apontados por franceses, russos, estadunidenses, ingleses e argentinos são *posteriores aos dos portugueses*. Basta lermos a “*Mundus Novus*”, carta que Américo Vespúcio escreveu a Lourenço de Médiçi em 1504. Nela dá conta do que realizou a *expedição de 1501* organizada pelo rei D Manuel para a *exploração do litoral brasileiro* mas foi muito além. Citamos assim as palavras de Vespúcio. “Navegamos paralelamente a este litoral até que ultrapassamos o trópico de Capricórnio, descobrimos o pólo antártico, cinquenta graus mais alto que o horizonte daqueles povos.”

Anterior à Declaração de O’Higgins é o *Ato Notarial de Valentim Fernandes*, lavrado em Lisboa a 20 de maio de 1503, oficializando a descoberta e posse de terras americanas para Portugal. O referido Ato foi também transcrito pelo tabelião alemão Wigenhoist, cuja cópia em latim pertence a Biblioteca de Stuttgart. Através destes documentos, o termo de posse do Brasil, registrado em cartório (fato único na História), englobava ao nosso conjunto as terras avançando para o sul “até a altura do pólo antártico, a 53 graus”.

Segundo João Franck da Costa, embora na Antártica a situação seja mais “complexa em virtude dos dois sistemas invocados, o de proximidade e descoberta, em grande parte incompatíveis, a repartição das regiões polares por convenção geral, série de tratados bilaterais, arbitrariamente ou sentença judiciária torna-se cada vez mais ur-

gente”. Manifesta-se êsse diplomata brasileiro favorável a *defrontação*, já que “os setores poderiam fornecer uma base, pelo menos provisória, para êsse fim”. No entanto, não foi provisória mas sim definitiva, a partilha do pólo norte com base na defrontação ou setores polares, idealizado pelo senador canadense Pascal Poirier em 1907.

Quando em Washington, por solicitação de Moscou, reuniram-se alguns países para debaterem sobre o problema da Antártica, nos foi vedado êsse direito. Tendo o Brasil pleiteado, junto ao Departamento de Estado, obteve a informação de que só os participantes do Ano Geofísico Internacional poderiam fazê-lo. O *Tratado de 1959* foi assim elaborado e assinado por apenas doze países, quando 39 nações, entre as quais o Brasil, haviam participado dos trabalhos científicos.

Coube ao governo revolucionário, em maio de 1964, voltar ao assunto, enviando Nota ao Departamento de Estado, na qual, segundo Rubens Villela Junqueira, “justificava suas pretensões e ressalvava os seus direitos de livre acesso a Antártica bem como o de apresentar as reivindicações que pudesse vir a julgar necessárias”.

O Tratado de 1959 procura proteger seus signatários que anexaram oficialmente trechos no continente austral, não considerando como “renúncia por qualquer das partes contratantes de direitos previamente invocados ou pretensões de soberania territorial na Antártica” (Artigo IV-1-A.)

Impede, no entanto, o documento, que seus signatários façam novas reivindicações, estando aberto a acessão de outras Nações que não tenham tomado parte na sua elaboração, mas que desejam assiná-lo.

Não sendo o Brasil signatário do Tratado de 1959, na sessão de 28 de novembro de 1970, o *Deputado Eurípedes Cardoso de Menezes* solicitou de nosso governo a *anexação de parte da Antártica ao Brasil*; fundamentando-se no direito da defrontação, o nosso setor polar seria assim delimitado pelos *meridianos de Martim Vaz e Arroio Chuí*.

(outubro de 1971)

Maurícia: monarquia independente no Índico

DELGADO DE CARVALHO

1 — O Oceano Índico

Dizem que o Mediterrâneo pertence ao passado, que o presente é do Atlântico e o futuro é do Pacífico. Que época se atribui ao oceano Índico? Talvez seja ele o mais antigo de todos, pois há cinco mil anos já era navegado pelos egípcios. Dizem dêle também que é o menor dos “três grandes”; no entanto é discutível também o seu tamanho, visto não ter limites determinados. No Globo Terrestre, o *oceano Índico* forma *um vastíssimo “M”* pelas terras que o cercam a leste, oeste e norte; para o sul, seus braços laterais se estendem para as terras da Antártica. Por isso, certos geógrafos, escolhendo arbitrariamente o paralelo de 35 graus de latitude sul, lhe atribuem 42.000 000 km², enquanto outros lhe concedem 78.000.000 km², qualificando-o de “grande oceano”; mesmo assim o Índico é menor que os dois outros.

Apesar de navegado desde a mais remota antiguidade, o Índico é o *menos conhecido cientificamente* das grandes superfícies oceânicas, pois ao sul da linha equatorial constitui-se numa região “moderna”.

Com relação às *ilhas*, o Índico é menos rico que o Pacífico e mesmo do que o Atlântico, embora possua uma ilha semicontinente, Madagascar.* Entre as principais ilhas do Índico destacam-se as *Mascarenhas*, das quais fazem parte *Maurícia e Reunião*; quanto às demais, constituem-se em pequenos arquipélagos como as *Seichelles e Chagos*, as *Maldivas e Laquedivas* já no hemisfério norte.

* Vide *Atlas de Relações Internacionais* n.º 9.

Geològicamente, as ilhas do Índico são *cumes de um vasto relêvo submarino* que, do extremo sul do Globo, forma duas enormes cordilheiras, do Pólo Sul até a Arábia, o *Midoceanic Ridge* com um esporão a leste e o *Ninety East Ridge* que, em linha reta, enfrenta as linhas submarinas da Australásia. Segundo Raymond Foron, a maior parte destas ilhas são *vulcânicas*, entre as quais Maurícia e Reunião e as demais *coralígenas*. As bases das cordilheiras submersas ainda pouco estudadas são graníticas e gnáissicas do pré-cambriano.

Não deixemos de mencionar a existência hipotética, num distante passado, da *Terra de Gondwana* que teria ligado o Decan Indiano à África, à Madagascar e à América do Sul. A teoria da “Deriva dos Continentes” de Wegener encaixava o nordeste do Brasil no amplo golfo da Guiné. O sul-africano Du Toit aceita a hipótese, tendo em vista as analogias de fauna e flora, principalmente a “glossopteris” que Arrojado Lisboa reconheceu entre nós.

2 — As Mascarenhas

As duas “irmãs” Mascarenhas são pouco distantes uma da outra; Maurícia está a 150 km de Reunião. São ambas vulcânicas, mas enquanto o *Piton du Milieu* se eleva a 890 metros em Maurícia, o *Piton des Neiges* alcança 3 000 metros na Reunião. A primeira ilha é menor, pois mede pouco mais que o Estado da Guanabara, 1.868 km²; já a segunda tem 2.500 km². No entanto, a superioridade de Maurícia está nas suas dependências: o grupo das *ilhas Rodrigues*, com vida econômica de certa importância, os grupos *Agalega, Saint Brandon e os Cargados ou Chagos*, recentemente transferidos . . . (1965) para a nova colônia britânica das Seicheles.

A importância de tôdas essas ilhas e ilhotas do oceano Índico é de se constituírem em *pontos de escala para o oriente* desde o século XVIII. No tempo do abastecimento exclusivo de carvão, estas ilhas tinham papel significativo, embora vizinhas do continente africano.

Sob o *ponto de vista climático*, as Mascarenhas são privilegiadas por ser o Índico o mais manso dos oceanos. O que caracteriza o seu clima essencialmente *tropical*, além da ausência de nevoeiros fortes e de gelos flutuantes é a sua larga abertura para o sul fornecendo-lhes um regime de ventos muito especial; trata-se do *fenômeno*

das monções, os “mawsin” dos árabes, próprio a um determinado tipo de navegação, essencialmente sazonal, re-produzido em períodos fixos e de decisiva interferência na história do hemisfério afro-asiático.

Existem anualmente duas monções: a *monção do Nordeste*, de inverno, que venta da Índia para a África Oriental de outubro a abril; e a *monção de Sudoeste*, de verão, com direção oposta, de julho a setembro. A monção de esteio é mais seca, a de inverno mais chuvosa. Esta última é mais importante para a vida vegetal e humana do continente asiático. Diz a este propósito o professor Auguste Toussaint, um dos melhores conhecedores da ilha Maurícia: “Revelado pela primeira vez, segundo dizem, pois nada disto é seguro, aos navegantes do Mediterrâneo, por um grego do primeiro século antes de Cristo, o fenômeno da monção era conhecido desde tempos bem mais antigos pelos marinheiros orientais que sobre elas regulavam suas idas e vindas. Digamos, entre parêntesis, que as duas monções não são igualmente favoráveis à navegação, sendo quase unicamente a de inverno utilizada pelos navegantes. Foi a monção que levou Gama para as costas da Índia e, enquanto perdurou a navegação à vela, teve uma influência capital nos movimentos marítimos do oceano”. (A. Toussaint-*Histoire de l’Ocean Indien*). Outros ventos sopram também nas regiões equatoriais: os *alíseos e contra-alíseos* São estes últimos que, no hemisfério sul, na altura das Mascarenhas, provocam ciclones e temporais.

3 — Populações

Em Maurícia há duas categorias de habitantes: os *franceses e os ingleses*, ao lado de um certo número de mestiços, asiáticos e africanos. Os de sangue europeu são chamados “*creoles*” (não são como os criolos do Brasil, mas sim como os “criollos” da América Espanhola); são os descendentes de antigas famílias francesas, principalmente. Constituem a classe média superior e destacam-se pelas suas tradições e cultura. A língua francesa é mais falada do que a inglesa, mas os “*creoles*” estão proporcionalmente diminuindo com o aumento considerável da população indú. De fato, os “*coolies indus*” têm entrado em fortes proporções depois da emancipação dos escravos de 1834 em diante. Em 1846, numa população de 158 mil pessoas, 56 mil eram indus; em 1921, dos 370 mil habitantes da ilha 256 mil eram indus ao lado de pouco

mais de 6 mil chineses. (*Encyclopedia Britannica*)

Atualmente a população da ilha e suas dependências é de pouco mais de 800 mil almas, das quais cerca de 140 mil em *Port Louis*, a capital. Os indus-mauricianos dominam no comércio, na lavoura e nos serviços domésticos. Muitas propriedades “*creoles*” foram transferidas para os indus e chineses, tendo seus antigos donos emigrado principalmente para a África do Sul. A ilha, entretanto, apresenta alta densidade demográfica, com cerca de 450 habitantes/km².

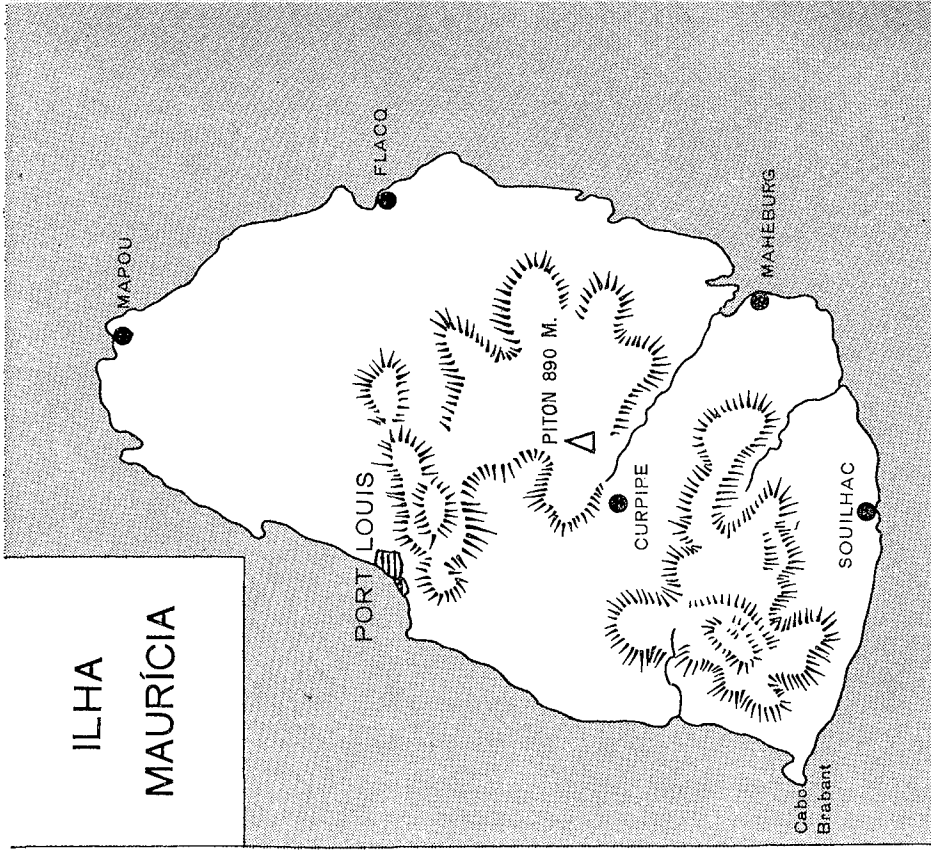
Na ilha Reunião, apesar da maior superfície, a população era, em 1969, de 430 mil habitantes, sendo de 85 mil os de *Saint Denis*, a capital desta ilha francesa que se constituiu, desde 1946, num departamento ultramarino. Na Reunião também a supressão da escravidão levou a recorrer à imigração asiática. Aí não existe população indígena; 3/4 partes dela são descendentes de povoadores franceses; a população “*creole*” é dividida em três categorias: os urbanos, os “*petits creoles*” e os serranos. Os “*creoles blancs des villes*” são fisicamente fracos, porém educados, espirituosos e vivos; a sua língua francesa tem sofrido aí forte influência do vocabulário malgache. “A abolição transformou as condições do trabalho e obrigou a substituição dos escravos por contratados por cinco anos. Eram trazidos da Índia; poucas mulheres eram importadas, donde o hábito da poliandria e o abandono dos filhos”. (Henri Vast-“*La Plus Grande France*”)

4 — As Condições Econômicas

Sob o ponto de vista econômico, os fatos observados na ilha Maurícia são quase que idênticos aos registrados na ilha Reunião. Ambas foram colônias francesas (como ainda é Reunião), fato que ainda mais as assemelha.

As Mascarenhas foram colônias essencialmente agrícolas e permaneceram como tais. A Reunião passou por três fases: a primeira no século XVIII, foi quase que exclusivamente cafeeira; a segunda destacou-se no século XIX como açucareira, seguida por uma fase privilegiada na produção da baunilha. Nenhuma delas é de monocultura, mais o café não tem mais destaque, por ter sido vítima da parasita *hemileia vastatrix*.

A *cana-de-açúcar*, introduzida nas ilhas em 1815, desenvolveu-se por extensas plantações em áreas de sota-vento, acima de 800 metros de altitude.



ILHA RODRIGUES (BRIT.)
(DEPENDÊNCIA DE MAURÍCIA.)

ILHAS FARQUAAR (BRIT.)
(DEPENDÊNCIA DE MAURÍCIA.)

CHAGOS CARGADOS
(RECIFES) (BRIT.)

ILHA TROMELIN (FR.)

ILHA MAURÍCIA (BRIT.)

ILHA REUNION (FR.)

880 km

TROPÍCO DE CARPICÓRNIO

ILHAS MASCARENHAS

São várias as espécies cultivadas, servindo, em grande parte, para a preparação do álcool, rum e melados, com bons rendimentos. Em Maurícia as culturas são especialmente prósperas, devido ao emprêgo de adubo de guano principalmente, bem como aos cuidados de um departamento especial do governo para a agricultura. Foi nestas condições que se desenvolveu também o *aloés* (vulgarmente babosa), cuja resina é medicinal.

A atmosfera úmida e quente em solo não pantanoso tem dado excelentes resultados para a baunilha na Reunião. Quanto à Maurícia, além dos alóes, possui também cultura de tabaco, coqueiro, chá e algodeiro. Nenhum destes produtos mantém grandes excedentes para a exportação.

A principal indústria é a da *refinaria do açúcar*; Maurícia possui 23 refinarias que, em 1968, receberam 600 mil toneladas de cana. Essas indústrias estão, em grande parte, nas mãos dos chineses.

A ilha Maurícia comporta ainda boas *matas*, mas na Reunião predominam os *campos*, pois a era do café sacrificou vastas extensões florestais.

Maurícia possuía uma pequena *rede ferroviária* iniciada em 1864, mantida pelo governo, mas com o *desenvolvimento rodoviário* foi suprimido este meio de comunicação (1960), cujo material acabou sendo vendido em hasta pública.

O comércio da ilha Maurícia é principalmente estabelecido com a Índia, Birmânia, Inglaterra e África do Sul. Consiste principalmente na *exportação* de açúcar, fibras, rum, baunilha e côco. Quanto à *importação*, a ilha recebe arroz, trigo, tecidos de algodão e lã, vinho, carvão, maquinaria, fumo e guano. O arroz, com forte importação, provém sobretudo de Madagascar, África do Sul e também da Austrália, que fornece ainda carne congelada. A fibra de alóes tem mais compradores na França. De um modo geral, as mais fortes correntes de importação em Maurícia são inglêsas e o curso de suas variações revela o considerável desnível da balança comercial que sofre a ex-colônia em relação a sua ex-metrópole; tal fenômeno se verifica também entre Reunião e a França. Em milhões de rúpias foram os seguintes os valores de importação e exportação da ilha Maurícia.

ANOS	Importações	Exportações
1948 . .	136 milhões	139 milhões
1958 . .	299 milhões	281 milhões
1968 . .	421 milhões	384 milhões

Da Inglaterra vieram, em 1968, 23,7% das importações, da África do Sul 7,4%, da Austrália 6,1%. Quanto às exportações 76,4% foram para a Inglaterra, 12,4% para o Canadá e 6,1% para os Estados Unidos. A situação do intercâmbio comercial da ilha Reunião com a Inglaterra é inversa, pois exporta muito mais do que importa; em 1969 enviou para os ingleses mercadorias no valor de 400 mil libras e deles recebeu apenas 46 mil libras.

Econômicamente analisada, a situação de Maurícia é mais favorável. Esta ilha constitui um exemplo da mentalidade inglesa que, em vez de procurar introduzir padrões sociais idênticos aos da metrópole, limita-se a respeitar as feições características da colônia; dentro deste princípio continuou a ilha a ser francesa, como era há 150 anos passados.

5 — Evolução Histórica

A parte norte do oceano Índico é conhecida desde a antiguidade, mas a sua parte sul, aquém do Trópico de Capricórnio, só passou a ser freqüentada por europeus desde os primeiros anos do século XVI. É possível que fôsse conhecido pelos árabes.

Atribui-se ao navegador português *Pedro Mascarenhas*, o descobrimento da ilha Maurícia, em 1505. Outro português, *Diogo Fernandes Pereira* descobria, em 1507, a Reunião, dando-lhe o nome de Santa Apolônia; essa ilha foi visitada por Mascarenhas em 1545.

Despovoadas, não foram ocupadas pelos portugueses, caindo assim em poder dos holandeses no fim do século XVI. Em homenagem ao Stadthuder *Maurício de Nassau*, recebeu então o nome de Maurícia. Abandonada também pelos holandeses, foi então ocupada pelos franceses que, em 1715 chamaram-na de *Ile de France*; a outra coube o nome de *Ile Bourbon*, que a Revolução Francesa mudou para *Réunion*.

Durante o século XVIII, coube às ilhas Mascarenhas desempenhar importante papel na história do oceano Índico, como também na história da

Índia, durante os longos períodos da segunda "Guerra dos Cem Anos" (1740-1815), que marcou a rivalidade anglo-francesa nos domínios coloniais.

A famosa *Companhia Francesa das Índias Orientais* admistrou as Mascarenhas e lhes proporcionou notáveis governadores. Dentre eles, o mais célebre foi *Mahé de Labourdonnais*, oficial de Marinha que se havia ilustrado na guerra indiana com a captura de Mahé. Depois do "reinado" nababesco de Dupleix na Índia, os franceses foram aos poucos sendo vencidos pelos ingleses, não só pela incúria de Luiz XV, como principalmente pela ausência de uma Marinha de Guerra, deixando assim as colônias entregues à superioridade naval inglesa.

Como governador, Labourdonnais fez da cana-de-açúcar a principal cultura industrial de Maurícia e Reunião. Além de haver fundado a cidade de Port Louis, seguiu o exemplo português de Goa e holandes de Batávia, criando com escravos uma Marinha de Guerra que contribuiria para a conquista de Madrastra. Desta ilhas, onde abriu centros de construção e reparos navais, fiscalizou as costas da Índia. Não podendo contar com o auxílio do governo francês, a Índia caiu em poder dos ingleses.

"A costa de Moçambique, escreveu êle à Companhia em 1740, é das mais belas e ricas que existem. Se os franceses pudessem tê-la, seria para eles uma costa de Brasil". (A Toussaint-*Histoire de l'Océan Indien*)

Laboudonnais não foi ouvido, mas sim perseguido. Por questões administrativas foi demitido, chamado a Paris, passando dois anos prêso na Bastilha antes de ser absolvido. Ao acabarem as guerras anglo-francesas, depois de seu último episódio napoleônico, o *Tratado de Paris* entregou a ilha Maurícia à Inglaterra, restituindo a Reunião à França (1815).

Maurícia, entretanto, manteve-se francesa: em 1962 eram 218.500 os católicos e 7.600 os protestantes anglicanos; os indus são 332 mil e os muçulmanos 110 mil. Os jornais da ilha são 9 diários franceses com ocasionais ar-

tigos em inglês e 3 jornais chineses. Os nomes geográficos são todos franceses; a língua predominante é o francês, acrescida de vocabulário local. As leis, código civil e penal franceses continuam em vigor. Maurícia é pois a "França Austral", mas sob a proteção da Royal Navy.

Durante mais de um século Maurícia fez parte do Império Britânico como Território Dependente da Coroa, à semelhança de Jamaica, Santa Helena e Seichelles. Algumas alterações foram aos poucos sendo introduzidas no governo da ilha, sob forma de Cartas-Patentes ou de Ordem em Conselho (Order in Council), provendo-a de um corpo legislativo e de um executivo sempre com um governador nomeado pela Coroa.

A 12 de março de 1968 Maurícia deixou de ser colônia para transformar-se num *Estado Independente Monárquico*, membro da Comunidade Britânica, após uma fase de sete meses de autonomia interna.

O Governador Geral é o representante de S.M. a Rainha, que permanece como Chefe de Estado. Um Gabinete é presidido por um Primeiro Ministro, Secretário do Exterior e mais 14 Ministros para diferentes Pastas, sob responsabilidade coletiva. Cinco Secretários Parlamentares são nomeados pelo Governador. A Assembléia Legislativa conta 62 membros eleitos por cinco anos, por sufrágio universal. A nova Constituição, com a garantia de direitos e liberdades, é do tipo constitucional mais moderno.

Esta chamada "integração" com a Inglaterra é vista com certo interesse nas ilhas Seichelles, ainda colônia da Coroa; por isso Mancham, seu Ministro-Presidente, foi à Londres tratar da "integração". Sua política é a de evitar uma possível integração na OUA, isto é, na *Organização da Unidade Africana*, cuja Comissão, em Dar-es-Salaam, procura converter os mauricianos descolônizados a fazerem parte da África.

(maio de 1971)